

Anderson Fasano

**ENTRE O**  
***PÁTHOS E O LÓGOS***  
filosofia em clave poética



**EDUNISO**  
Série Universitária

**Reitor:** Fernando de Sá Del Fiol

**Pró-Reitor Acadêmico:** José Martins de Oliveira Junior

**Pró-Reitor Administrativo:** Rogério Augusto Profeta

**Direção Editorial**

Wilton Garcia Sobrinho

**Editoras Assistentes**

Silmara Pereira da Silva Martins

Vilma Franzoni

**Conselho Editorial**

Cristiane de Cássia Bergamaschi Motta

João Grandino Rodas

João Paulo Lopes de Meira Hergesel

José Martins de Oliveira Junior

Marco Vinicius Chaud

Maria Ogécia Drigo

Mônica Martinez

Rafael Angelo Bunhi Pinto

Sônia Virginia Moreira

EDUNISO: Editora da Universidade de Sorocaba

Rodovia Raposo Tavares, KM 92,5

18023-000 Vila Artura

Sorocaba / SP – Brasil

Fone: 15 – 2101 7018

E-mail: [edunisoeditorauniso@gmail.com](mailto:edunisoeditorauniso@gmail.com)

<http://uniso.br/eduniso/>

**Anderson Fasano**

**ENTRE O *PÁTHOS*  
E O *LÓGOS***

**filosofia em  
clave poética**



©2017 Editora da Universidade de Sorocaba – Eduniso.

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Todos os direitos desta edição reservados à Eduniso.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida por qualquer meio, sem a prévia autorização desta entidade.

**Entre o *Páthos* e o *Lógos*: filosofia em clave poética**

Disponível também em: Impresso

### **Ficha Técnica**

**Correção ortográfica:** André Luiz Sueiro

**Normalização:** Vilma Franzoni

**Projeto gráfico, Diagramação e Capa:** Marina Real

**Secretaria:** Silmara Pereira da Silva Martins

### **Ficha Catalográfica**

---

Fasano, Anderson  
F257 e      Entre o páthos e o lógos : filosofia em clave poética /  
Anderson Fasano. – Sorocaba, SP : Eduniso, 2017.  
127p.

E-book  
ISBN: 978-85-61289-31-7  
Obra financiada pela Uniso, através do Edital de  
publicações 2016.

1.Poesia brasileira. 2. Poesia brasileira – Filosofia. I.Título.  
CDD: 869.915

---

Elaborada por: Vilma Franzoni (Bibliotecária – CRB 8/4485)

# Sumário

## Parte I – Espectros Ontofânicos

Apresentação.....	11
Prelúdio.....	14
Círculo Hermenêutico.....	15
Náusea.....	16
E p i f a n i a.....	17
Vir-a-ser.....	18
No rastro da História.....	19
O Estrangeiro.....	20
Transnoitado.....	21
Estranho.....	22
Dialética do Impossível.....	23
Moira.....	24
Karamazóvi.....	25
Onde estás, ó Liberdade?.....	26
Iconoclastia.....	27
Verborragia Ontofágica.....	28
Sina de Homero.....	29
As “sete faces” da Irrealidade.....	30
Se non è vero.....	31

A Vida e O Tempo .....	32
Em Pasárgada .....	33
Na trilha de Macunaíma.....	34
Sképsis .....	35
Fórceps .....	36
Obsolescência .....	38
Requiescat In Pace.....	39
Onipresença.....	40
Nonada.....	41
Crepúsculo Invernal.....	42
Tanatofagia .....	43
Priapismo Retórico .....	44
Tão concreto como nuvem .....	45
Sociologia da Morte.....	46
Espelho Quebrado .....	47
Uma vez como todos nós.....	48
Um eco de Intimidade .....	49
Literal e Grotesco.....	50
Só.....	51
Incógnita .....	52
C'est la Vie!.....	53
Des-construção egóica .....	54
Caminho .....	55
Des-acerto Freudiano.....	56

Sonho de Infinito.....	57
Nua e Crua.....	58
Quase-Poeta .....	59
Confissão .....	61
Nova Aurora .....	62
Pronomes e Indefinições .....	63
Inspiração Geométrica .....	64
Taxidermia.....	65
Miopia.....	66
Outro Lado.....	67
Enfim.....	68
Signo e Verdade.....	69

## **Parte II – Acenos Hermenêuticos**

Paradoxo da Saudade.....	71
Estética da Tristeza .....	72
O que se foi.....	73
Doce Ironia.....	74
Não-querer.....	75
Convicção .....	76
Eternidade .....	77
Cosmovisão .....	79
Bravo!.....	80
Convergência.....	81

Magnetismo .....	82
Deseducar-se.....	83
O Alvissareiro Cheiro do Pão .....	84
Criptografia .....	85
Amor prêt-à-porter.....	86
Fidelidade .....	87
Marcando passo.....	88
X da questão .....	89
Natureza Morta .....	90
Noosfera .....	91
O Poder dos Advérbios.....	92
Surrealizante .....	93
Para saber de cor .....	94
Diuturno .....	95
Vida na Estação .....	96
Embargo amoroso .....	97
Para além do Mundo .....	98
Estação-Esperança .....	99
Intuitivo .....	100
Do Medo à Esperança.....	101
O Poder de um Olhar Azul .....	102
Cena Perfeita .....	103
Shitless, Lifeless .....	104
O Ocaso do Ser .....	105

Poemeto .....	106
Índole Poética .....	107
Soteriologia .....	108
Gramática .....	109
Mísero Verbo .....	110
Entre a Língua e o Ser.....	111
Metalinguagem Canônica .....	112
Vácuo Gramatical .....	113
Retórica da Ausência .....	114
Eterno Retorno .....	115
In dubio pro reo (?).....	116
Pobre rima.....	117
O que não se pode amar .....	118
Delírio sobre a Velha Ortografia.....	119
Arquétipo Matricial.....	120
Epílogo.....	121
Primeira Clave .....	122
Somente às vezes.....	123
A Face indesejada da Liberdade.....	124
Exortação Temporã .....	125
Ainda um Futuro?.....	126
<b>O Autor .....</b>	<b>127</b>

I  
Espectros Ontofônicos

---

## Apresentação

Os textos oferecidos na seqüência são frutos de uma existência marcada por aquilo que muitos consideram indesejável ou mesmo intolerável: a incoerência. Sim, eis o que notabiliza a aventura humana experienciada por um indivíduo que, tão somente, buscou significar a Realidade nas formas mais variegadas, ora sólidas e impactantes, ora inconsistentes e fugidias, em que ela teima se manifestar! Assim é o Mundo: complexo e subcontrário. Assim, talvez, seja o poeta: a permanente fluidez de um substrato ontológico inconstante e tempestuoso que *in-siste, per-siste, re-siste* e, não poucas vezes, *de-siste*. Um eu? Quem sabe. Muitos “eus”? Possivelmente.

Entre o *Páthos* (experiência de radical finitude que se traduz em múltiplas *a-fetações* destrutivas, ou mesmo construtivas) e o *Lógos* (tentativa ordenadora e lúcida de uma *pró-cura* inteligível do *vir-a-ser*) a Condição Humana se espraia... Algo que se vivencia mais propriamente do que se esclarece de forma definitiva. Doravante, tecido por estas constantes antropológicas, decidi eu mesmo – ao menos um destes “eus” escondidos nos escombros de minha humanidade –, escrever estes sumários parágrafos por uma

simples razão: avisar, a quem se aproxime dos textos, que não procure nestas páginas nada além de *um alguém* que se despe. E, certamente, se eu redigisse esta apresentação em outro dia, ou em outra noite, diferentes e contraditórias palavras viriam à luz para dizer coisas que, neste momento, não penso, não sinto, não percebo e não desejo.

Um “esclarecimento inútil”: a ortografia utilizada não é a recentemente unificada. Desse modo, que não haja estranhamentos com tremas e demais acentuações!

Em tempo: a Primeira Parte “*Espectros Ontofânicos*” são *flashes* que procuram *des-velar* o que, *a fortiori*, se nomeia “ser”. “*Acenos Hermenêuticos*”, a Segunda Parte, são possibilidades, e apenas isso, de interpretar a Realidade sob a ótica por mim escolhida: o mo(vi)mento da própria vida capturada pelo pensamento crítico (eu acho). Entrementes, tal divisão permite um intercâmbio temático: o *ontofânico* e o *hermenêutico*, por vezes, se revezam na construção da linguagem poética. É isso!

Boa leitura... E que a Terra vos seja leve!

– Outono – 2016

*Ao Real e ao Onírico, que em sua permanente trans-fusão  
de lógicas inextrincáveis constituíram a matéria-prima  
dos pequenos textos que, à fórceps, vieram emergindo  
de minha leitura do Mundo.*

## Prelúdio...

Escrevo como quem lança

Palavras ao vento...

Escrevo como quem espera

O sorriso da morte...

Escrevo, enfim, como quem escreve

Apenas...

## Círculo Hermenêutico

Fazer poesia é ler o Mundo  
Em seu dinâmico processo  
De estimular nossa Existência  
A partir da ótica singular  
De quem se vê, ao mesmo tempo,  
Dentro e Fora dele  
Imerso em seu dinamismo  
E livre de sua letal complexidade

## Náusea

Se um dia eu pudesse, então, me ver...  
Ver-me-ia, na verdade, como sou?  
Um verme soaria como um *eu* ?  
Ao ver-me no reflexo do Nada  
Poderia dar-me conta de um olhar?  
Insuspeito, factível e banal:  
Um *eu* como um *alguém* permanecer  
Na Tocata de uma Fuga do Real  
Soaria ver-me bem como querer?  
Refletir *além-de-si* no Coletivo:  
Um número indefeso e sem medida  
Que se vê confusamente diluído  
No espelho que o engole pela Vida  
E o desfaz na Inconsistência Aleatória  
Insuspeita, factível e banal:  
Um *ser-nuvem* que se espraia sem história  
Vagando a sensação de *não-se-ter*  
Se um dia eu pudesse, então, me ver!

# E p i f a n i a

## **Sou...**

Como se não fosse

## **Vivo...**

Como se não vivesse

## **Penso...**

Como se não pensasse

## **Amo...**

Como se não amasse

## **Ando...**

Como se não andasse

## **Faço...**

Como se não fizesse

## **Rasgo...**

Como se me abrisse

## **Fecho...**

Como se me coubesse

## **Escrevo...**

Como se me despisse

## **Falo...**

Como se me entendesse

## **Sofro...**

Como se me perdesse

## **Desejo...**

Como se me lutasse

## **Morro...**

Como se não vivesse

## **Luto...**

Como se me pensasse

## **Estranho...**

Como se não quisesse

## **Calo**

Como se me entranhasse...

## Vir-a-ser

Esvazio-me:  
Anedoto-me  
Adoto-me em meio ao vazio...  
Da alteridade

Espanto-me  
Em qualquer canto  
De um canto desumano  
E espantado

Vivo-me  
Sem saber-me  
Se o amor devotado a mim  
Vem... de mim mesmo...

Esclareço-me  
Ao tentar-me  
Ser-me  
Sem esvaziar-me de mim mesmo

## No rastro da História

Veio a mim como Capitu...

E deixou-me como Adão após o pecado: nu

Veio a mim e elevou meu ego

E deixou-me como Édipo em sua tragédia: cego

Veio a mim e prometeu-me o Céu

E deixou-me como Sócrates em Atenas: réu

Veio a mim sem me ter querido...

E deixou-me como um náufrago qualquer: perdido

Veio a mim e sorriu-me amável

E me fez Jesus no deserto: vulnerável

Veio a mim e me quis por inteiro

E deixou-me como um palhaço no picadeiro

Veio a mim sem razão e sem nexó

E deixou-me como César agonizante: perplexo

Foi-se de mim e levou meu mundo

E deixou-me como um abismo: vazio e fundo

## O Estrangeiro

Sou um estrangeiro em seu próprio país  
Uma gota d'água orbitando um sol  
E que a cada giro seca um pouco mais

O gosto da morte deverá ser mais doce que o fel  
Que inunda minha boca como um mar revoltado  
Lamento: não há Pátria Definitiva!  
Só um Rio que corre, sem pensar, nem sentir

# Transnoitado

É madrugada!  
Calada e sonhada  
Medrada a cada  
Malfadada balada...

Desperta do sonho  
Enfadonho e medonho  
O artista tristonho

Que não mais imagina  
Desatina ou afina  
Sua triste sina... sonhada

Na malfadada balada  
Tornada calada  
Despida e amada  
A cada madrugada  
Rezada!

## Estranho

Estranho é pensar  
Depois de falar:  
Certeza de errar

Estranho é viver  
Depois de saber  
Que se pode morrer

Estranho é não ir  
Depois de sair  
De si, resistir

Estranho é o amor  
Perder o sabor  
Depois do calor

Estranho é penar:  
Num súbito olhar  
A morte encontrar

Depois de querer  
Depois de viver  
Depois de amar

## Dialética do Impossível

A Verdade e a Mentira são as duas faces de uma mesma moeda  
Chamada Existência Humana...

Não são fundamentos válidos para quaisquer juízos de valor

São constatações de um cego

Que, às apalpadelas, descreve a lua e as estrelas

Pintadas em relevo por um surrealista bêbado

Em uma tela feita de nuvens!

## Moira

A Tristeza é solitária...

A Alegria não: é expansiva!

Enquanto a primeira, em sua oclusão, lancina esperanças

A segunda, em sua inata comunicabilidade, gera vínculos

Mesmo que frágeis...

A Tristeza é a irmã mais nova do Tédio:

Da massacrante falta de sentido!

Ela é mãe dos sofrimentos humanos

E, por vezes, amiga infiel da Criatividade

Tematizá-la é tatear no escuro a porta aberta

Para as carícias da Razão Poética

E encontrar, no fim do corredor, o Abraço Saudoso e Materno

Da Morte

## Karamazóvi

A sombra pensante que vejo no espelho  
Emudece uma idéia irreal do Humano  
Pois fala quando quer calar  
E cala quando quer amar  
E ama quando quer fingir  
E finge quando quer morrer

O brilho decadente de um crepúsculo frio  
Favorece o caos que se nomeia “ser”  
Que sente quando quer sumir  
Que some quando quer ficar  
Que fica quando quer fugir  
Que foge quando quer viver

A Sombra e o Caos: o Sangue e a Vida  
Gritam que não há outro caminho para a Verdade  
Fora da Dúvida

## Onde estás, ó Liberdade?

Nos remorsos trazidos pelo inverno?  
No gozo sempiterno dos beatos?  
Nos gemidos inaudíveis do inferno?  
Ou na dura concretude de meus atos?

Onde estás, ó Névoa Impenetrável?  
Existes como um fardo sem lamentos?  
Como ausência da Moral não-lastimável?  
É possível possuí-la sem tormentos?

És um mito, uma lenda: a invenção  
Que a todos enlameias com teu ser  
Horizonte impalpável: sem Razão  
Que iludes com desejos meu viver!

Querer-te é a maldição dos distraídos  
Buscar-te é o descaminho de teus réus  
Saber-te é a condição dos desvalidos  
Amar-te é enredar-se em sete véus!

## Iconoclastia

Um espírito livre, e somente ele,  
É capaz de interpretar a Vida em suas incontáveis contradições  
E seus matizes variados de trágica beleza  
Pois ele se despe o quanto possível de si mesmo  
Ao destronar o ego das construções teóricas absolutas  
E ao diluí-lo em possibilidades  
Ou em obsolescências...

Somente assim ele *des*-cobre como não quebrar espelhos!

## Verborragia Ontofágica

Existo como um verbo conjugado no imperfeito do subjuntivo:  
Se eu fosse, se eu pudesse, se eu quisesse...  
Não mais *sou-no-presente!*

Assim, preteritamente marcado para viver  
Espero o Amanhã como quem aguarda a conjugação completa  
De todos os verbos defectivos...

É a língua assumindo o ser  
E concedendo a ele o status de Homem

É a cultura revelando a oculta face metafísica  
Da angústia gramatical  
Que exprime em ambivalências  
A ausência semântica do *ego*

## Sina de Homero

Faço poesia como quem cospe no Mundo  
E não por revolta!  
Por uma estranha e fatídica necessidade  
De me manter sóbrio...

Na esteira do *vir-a-ser*... somatizo-me:  
Marcado por arquétipos variegados  
Tecido em ocultas senhas genéticas  
Escravizado pela concretude do Absurdo

Recuso-me, assim, ao canalha Bom Senso  
Filho da Convenção Social e da Hipocrisia  
Espectro de uma longínqua Estrela chamada Resignação  
E pálida sombra de uma Lua chamada Mentira

Faço poesia como quem cospe na Sobriedade!  
E não por necessidade  
Por uma fatídica revolta  
Que me faz... estranho

## As “sete faces” da Irrealidade

O poder do Irreal  
Provém do fato de que ele pode assumir  
Qualquer rosto...  
Qualquer aspecto...  
Qualquer espectro...  
Qualquer função...  
Pois sua condição de possibilidade é a Imaginação

Ele se insinua como o Horizonte *quase* infinito do Desejo  
E nele cabem todas as mazelas e todas as esperanças humanas  
É um universo paralelo eivado de sonhos impalpáveis  
Por isso, *não queira...*  
Pense!

## Se non è vero...

As coisas mais idiotas  
Ditas de forma solene  
E as mais irrealizáveis  
Ditas com uma convicção forense ou maternal  
Ganham ares de Verdade Insuspeita:  
O “ser” só *existe* quando pronunciado  
Como se existisse  
De fato

# A Vida e O Tempo

O Tempo flui  
Sem se preocupar  
Com o tudo mais  
Que a Vida frui

Fluxo e Fruição:  
O Efêmero  
O Silêncio  
A Concreção

Vida-Tempo  
Tempo-Vida:  
Alquimia!  
Imersão!

Ganhamos Vida se perdermos Tempo?  
Ganhamos Tempo ao pensar a Vida?

A Vida frui  
Mensurando Tempo  
Que se perde louco  
Ao contar a Vida

E se vão os dois  
Tão entrelaçados  
Ambos vêm depois  
Sempre *des*-contados

## Em Pasárgada

Volto em breve  
Fui até Pasárgada  
E retornei sem nada...  
Deixe o Bandeira hastear-se por lá!  
Eu fico cá... sozinho  
Aqui tudo é meu  
Ou quase!

## Na trilha de Macunaíma

Macunaíma lançou as bases de uma Meta-Antropologia:  
O “ser”, aqui, inaugura uma Nova Hermenêutica do Lúdico  
E uma Nova Estética do Homem em sua relação com a Beleza  
Seria justo canonizá-lo: *Natura Revelatio Divinitatis!*

Pois, o Brasil é uma corda bamba  
Onde anjos, demônios, poetas, filósofos, juristas e ginecologistas  
Dançam uma espécie de “minueto tupiniquim”

## Sképsis

Para *sobre-viver* é preciso além de comer, beber, respirar e cagar  
De uma boa dose de *sképsis*: suspender juízos definitivos...  
E ceder à fluidez da Vida!

Resistir a si mesmo é diferente de conter-se  
Quem se contém não se possui...  
E, por isso, não pode deter-se

Expandir-se é existir:  
É desejar beber a Fonte Toda em um único gole  
Pois, a Necessidade e o Desejo são as margens da *Sobre-Vivência*

## Fórceps

E veio-me a palavra...  
Irônica, Cáustica, Vítima:  
Chegou-se-me o verbo!

Trouxe-me a luz de um espectro lúdico  
E fez do signo um mote político  
Deu à Língua um aspecto cênico  
Levou-me à magia de um jogo prolífico

E veio a palavra!  
Amorosa, Terna e Marcante:  
Fez da Vida um Eterno Conflito  
Dialético, Mágico, Cínico

A palavra, esta doce esperança de paz!  
Esta triste tardança demais...

Que embaraça, estilhaça e ampara  
Que unifica, divide e abraça

Palavra-Razão:  
Palavra-Pedra  
Palavra-Nuvem:  
Palavra que passa...

Escrita  
Falada  
Pensada  
Nua

Estéril  
Calada  
Terapêutica  
E crua...

E foi-se-me o verbo...  
Deixando a saudade real e fonética  
À espera da prosa na lápide estética  
De letras e sons na métrica...  
(fria)

Facínora  
E vítima  
Tépida  
E fática

Satírica  
E cética  
Gélida  
E cálida

Palavra  
Palavra  
Palavra  
Palavra...

## Obsolescência

Aqui jaz uma consciência!  
Que morreu por causa de uma demência  
Como fruto da inconstância...  
De um Amor em suma *des*-experiência

## Requiescat In Pace

Que a Morte venha para me pegar  
Se ela tiver pernas para me alcançar  
Pois eu sou a fera bem atrás da presa  
Que só encontra o Fim na solidão da fuga

Que a Morte venha para me pegar  
Se ela tiver asas e puder voar  
Pois eu vôo livre como águia nua  
Que faz de toda nuvem o seu Infinito

Que a Morte venha para me pegar  
Se ela tem navios para navegar  
Pois eu sou um naufrago que está à deriva  
Em um Mar de gente tão desconhecida

Que a Morte venha para me pegar  
Se ela não tem medo de se confrontar  
Pois eu sou espelho que reflete o Mundo  
Que a espera ver para sugar-lhe o sangue

Que a Morte venha para me pegar  
Se ela pode mesmo se pronunciar  
Pois eu sou um verbo *semi*-transitivo  
Que só no Silêncio reconhece a Vida

## Onipresença

*Eu sou:* verbo conjugado no Pretérito...

Permaneço lá onde a esperança passou

E a nuvem também...

Levando a chuva que poderia lavar minh'alma

Tão suja... de tua ausência

*Eu fui:* verbo conjugado no Presente

Desmorono aqui onde a saudade ficou

E a lua também...

Brilhando em gotas que não suscitam mais vida

Por tua ausência

*Eu serei:* verbo natimorto e vazio

Revelador de uma resignação inativa

Esmaecido pela volúpia de curar uma vez mais

A ferida aberta

Por tua ausência

As maiores alegrias são instantâneas e expansivas...

Assim como os leves pingos da garoa

Levantam o cheiro da Terra Eterna

Tão etéreo e inútil como a vontade de me libertar

De tua ausência

## Nonada

Uma vida para viver...

Uma mulher para amar...

Um país a conhecer...

Um alguém para odiar...

Um só ato de querer...

Uma só coisa a desejar...

Um último gole para beber...

Um dinheiro a mais para gastar...

A espiral do Tempo a esperar...

O eterno desejo a incandescer...

O onírico medo a explorar...

A morte que busca surpreender...

Um eu distante a perscrutar...

Que nada mais tem a se dizer...

Que nada mais quer memorizar...

E que a tudo se permite esquecer...

O sopro que existe a insuflar...

O sangue que insiste a percorrer...

A música que um dia vai tocar...

Quando toda esperança emudecer

## Crepúsculo Invernal

Sou o máximo de mim  
No mínimo de Realidade  
Estou no máximo de Realidade  
No mínimo de mim  
(Ou do que acho que sou...)

Onde estão as folhas do Outono?  
Onde estão as lágrimas de Inverno?  
A Noite me abraça com seus uivos ruidosos  
Ecoando predatoriamente um *eu* que me espreita

Desejo a Eternidade no Sopro Restaurador  
Da Fruição Única que o Passado reteve consigo  
Inútil... e construtivo  
Pérfido... e lúdico

Restou-me um mínimo de Esperança  
No máximo de Angústia  
E um máximo de Solidão  
Em um mínimo de Lucidez

## Tanatofagia

Vivo uma dor maldita  
Que, quando no peito grita,  
Emudece a Paz Infinita...

Vivo uma ausência bendita  
Quando a sorte me faz visita  
E a Esperança me diz: “resista!”

Quero a morte, sem rima, sem hora  
No segredo de um “não” que chora  
A doçura de um verso de outrora

E espero que venha agora  
Marcar a Existência afora  
O Eterno Silêncio que me ignora

## Priapismo Retórico

Falo como um falo sem clemência  
E, ao fazê-lo, filio sua única exigência:  
Ser humano

## Tão concreto como nuvem

Quanto vale uma gota de suor?  
Quanto há de *mais-valia* em uma sinapse?  
É uma lágrima?  
É possível mensurar sua utilidade social?

O Homem não é somente medido pelo que faz... de si mesmo  
É revelado sobre-tudo pelo que deseja... ou não deseja  
Do Mundo  
Escondido  
Dentro de si:  
No que pensa...  
No que sente...  
No que chora...

É intangível somente por ser o que é: Existência!  
*Locus impalpável* que se pronuncia em discursos  
Em olhares...  
Em fazeres...  
Em silêncios...

Talvez uma gota de suor  
Talvez uma sinapse  
Talvez uma lágrima  
Sejam mensuráveis, de fato, apenas quando se realizam:  
Como lembranças palpáveis  
De um Passado Vindouro

## Sociologia da Morte

A morte não nivela ricos e pobres  
Senhores e escravos  
Ingênuos e astutos  
Bonitos e feios  
Inteligentes e burros  
O enfermo e o são  
Os Homens e as Mulheres  
Nem todos os seres deste Mundo  
Que um dia não mais serão

Há uma Existência Social post-mortem  
Que *sobre-vive* ao túmulo:  
Enquanto uns terão a cova rasa como morada eterna  
Ou apodrecerão em valas comuns como indigentes  
Outros gritarão silenciosamente seu poder do alto de mausoléus  
Artisticamente esculpidos: de lápides mais caras  
Do que os convênios mortuários da classe média!

Somente as lágrimas de todos os que estão na fila  
Continuarão salgadas

## Espelho Quebrado

Um olhar é imperecível...  
Quando acolhido pela memória com ternura e sedução  
Um olhar é indecifrável...  
Se capturado no pensamento como rasura e indagação  
Um olhar jamais é... descartável!  
Ele desnuda intimidades  
Mesmo no desvio tortuoso do desinteresse

Quem dele se oculta revela-se culpado ou inocente:  
Ou ambos!

O olhar nos torna humanos:  
Por ele, desejamos...  
Por ele, desprezamos...

Assim, esquivar-se de um olhar é esconder-se de *si* mesmo  
Ou temer o *outro*: a quem se deseja *e se* odeia

Um olhar tece uma rede comunicativa imediata:  
Polissêmico ou ardiloso...  
Espantado ou manhoso...  
Ferino ou esperançoso...

Faz de nós imagens múltiplas  
Captadas na singularidade  
Estranha e perdida  
Enamorada e vadia  
Terna ou desesperançada  
De um flerte inesperado com o Irreal

E no olhar de quem sabe escutar a Linguagem do Silêncio  
Abre-se o caminho para o Inesquecível!

## Uma vez como todos nós

E Maria chegou...

Alguém perguntou de onde ela vinha

Ela então respondeu que viera do País dos Sonhos

Onde ninguém faz perguntas

## Um eco de Intimidade

Há tristezas estranhas...

Que vão além de um simples vazio de alegria

Elas paralisam o senso crítico

E destituem da Vida qualquer aspecto de harmonia

Elas arrasam perspectivas de Futuro e calam o Presente

Com uma dor muda e intacta...

Estas tristezas, curiosamente, nos parecem fazer pisar as nuvens

Não como quem sonha voar!

E sim como quem *sobre-vaga* o abismo palpável

Da consciência imediata que delas temos

Em suas extensões affitivas

São estranhas, porém diáfanas

Pois iluminam nossa fragilidade

A ponto de impedir outras ilusões

Além daquela que nos certifica que, elas, as tristezas *en-tranhas*,

Não durarão mais do que o tempo de um suspiro eterno

## Literal e Grotesco

Sou múltiplo e literal  
Neológico e diuturno  
Sem verbo e razão formal  
O quanto possível, soturno

Não há o que me possa explicar  
Nem o que me possa expandir  
Só a Loucura e a Razão  
Sugando como crianças  
O peito da Senhora Verdade  
E me convidando pra dançar...  
(E ser o mesmo que todos)

Envelheço como aurora tardia  
Sou frio e seco, vazio e mudo...  
Momento-Signo e Anomalia  
E Tudo e Nada, e Nada e Tudo

## Só

Estou só:

Só comigo mesmo: nó!

Catando os cacos carcomidos do consentimento caótico  
E coercitivo das cadeias circulares da comiseração candente  
E cáustica de um Cosmos circense e societário  
Sádico e solitário chamado Mundo...

Sem fundo...

Sem lastro de Sorte!

Com cheiro de Morte!

Estou só:

Só... comigo mesmo: pó!

Amortecido, amordaçado, aborrecido, amortalhado e amenizado:  
Emasculado e enfadado  
Embrutecido e estacado  
Em mim mesmo: só...

Que dia é hoje?

Dia de não estar... só!

## Incógnita

Gravar nas pedras do Tempo  
A Vida-Menina que passa  
Ou a Morte, Exílio do Ser,  
Que o Desejo em nós despedaça...

É o Destino de todo vivente  
*Pro*-jetar-se para um Futuro:  
*Re*-alçando em claro e escuro  
Lançar-se além do Presente

Para ver se *aqui* já encontra  
Da Vida, o sentido do *agora*  
Realizar-se, enfim, sem demora

Mas, a dúvida não se depura  
E a fé, na visão do Amanhã  
É a Única Conjectura!

## **C'est la Vie!**

A vida é uma armadilha...

Tudo consiste em saber, apenas,

Quando é que ela vai se fechar sobre nós!

## Des-construção egóica

A História passa por mim  
Como um rolo compressor...  
Não faço parte dela:  
Sou apenas um grão de asfalto  
Esmagado por seu peso e sua força

O Tempo se esvai...  
A Liberdade me trai...  
E o ser se consome... em ruínas

A consistência fugidia do eu que desmorona  
Ressoa muda como um campanário de aldeia vazia  
Onde as sombras gritam que o presente anoiteceu...

Em memórias que sobrepujam o Futuro  
Só faço esperar...  
Por ora

## Caminho

A inóspita vaga que acalenta meus medos  
São frias lembranças de breves enredos  
Que cantam a dor

O estrépito grito  
Truncado e travesso  
Que trança meus passos  
É o traço passivo  
De trovas e sonhos  
Que ensinam aos poucos passantes de mim  
Seus versos medonhos

E o silêncio, amigo da noite,  
Marca em meu dorso  
Seu signo torpe  
Manchado de luta  
De vida  
E de sorte

## Des-acerto Freudiano

Por que roupas íntimas cobrem meu sexo e não minha cabeça?  
Pois o que há de mais íntimo em mim é o que penso  
E não o que pensam de mim os que vêem meu sexo livre  
De suas Marcas de Estação

Ademais, sem a minha cabeça o meu sexo  
Com púrpura ou linho  
Não funciona...

Somente quando a cabeça estiver no pênis e o pênis na cabeça  
O Mundo poderá crescer e multiplicar-se... em amores livres  
Sem medo do corpo  
E venturosamente liberto!

## Sonho de Infinito

O Olimpo desceu ao Horizonte  
E a vida tornou-se um querer divino...

A Transcendência Helênica nos legou  
O desejo de saborear o Mundo  
Como um néctar inebriante  
Feito de Fantasia, Beleza e Êxtase

Eros tocou-me e levou-me ao desespero  
De quem perdeu a última Nau da Consciência  
No eterno naufrágio do Ímpeto

Pulsa, em veias abertas, a louca sede de alcançar o Infinito  
E em meio a olhares perdidos de uma Razão Ensandecida  
O Homem se faz uma só alma com o enigma da dor  
Revelado em uma tarde grávida da Esperança... e do Absurdo  
Condenado pelo Tempo o coração humano anseia ardentemente  
Por uma Eternidade Instantânea de Vida

## Nua e Crua

A um passo de sua morte a Morte pensou:

*“Será verdade que eu existo?”*

E desse solilóquio mortal

Nasceu a certeza de que a Dúvida

Conduz a Morte

À Verdade

E assim...

Morreu a Morte

Dando Vida à Verdade

De que tal dúvida

Nem a Morte pode matar

E ficou a Poesia

Sem rima, sem vida, sem verso

Falando da Sorte de todos nós

De um jeito

Sutil

Humorado

E Atroz

## Quase-Poeta

Não sou Carlos  
Nem Bandeira  
Nem Vinícius  
Sou espera  
Sem promessa  
E o início...

De uma longa primavera  
Sem o sol  
De uma chama sem quimera  
No arrebol

De palavras  
Vidas, versos  
Autorias...  
Simulacros  
Cenas mudas  
E tardias

Não sou Júlio  
Marco Túlio  
Nem Aurélio  
Sou ausência  
Meia-raça  
Planisfério:

Sou o mundo  
N'outro mundo  
De poesia

Vida seca  
Seca Fonte  
De grafia

Nem Machado  
Nem Cecília  
Sem pecado  
Cabrálíco  
Dramático  
E atado...

Só Callado  
Não-Amado  
Sem fonema  
Monossílabo  
Oxítono...  
Dilema!

Na teia da linguagem  
Me desfaço  
Recomponho-me:  
Na letra  
Passo a passo

Na indigência  
De um mosaico de metria  
No mistério  
Das palavras:  
Utopia

## Confissão

Ser poeta é ser arrivista  
É apenas um modo de ser  
E, parnasiano ou simbolista,  
O que importa é escrever

Tramar o que sou...  
O que vejo o que sinto  
Na efêmera escrita  
Conter o Infinito,

Semântica nua  
Poesia-Verdade  
Reflexa-inversa  
Efemeridade

No texto que traça  
A história do verso  
Deixar o que passa  
Grafado no amplexo  
De signo e letra:  
Um íntimo nexos

Ser arrivista é ver a poesia  
Ciente-Demente, Semente de Vida  
Da crítica ausente a justa medida  
Seca, intrépida, cálida ou fria

## Nova Aurora

*Ex*-pressão:

Alívio!

*In*-pressão:

Ansiedade

*Re*-pressão:

Angústia!

*Construção*

*Verbo*

*Razão*

*E Vida!*

Para quem sabe

Sobrar um dia

Sobre os escombros da Inteligência

Uma nesga de Linguagem

*Demolição*

*Adjetivo*

*Desejo*

*E Vida!*

Para sobrar um dia

Quem sabe

Sobre os escombros da Linguagem

Um pálido resquício de Homem

# Pronomes e Indefinições

Eu

Tu

Ele

Identidade

Alteridade

Toilette

Nós

Vós

Eles

Confusão

Ortodoxia Gramatical

Terceira pessoa do plural

# Inspiração Geométrica

A Razão domina o Espaço...

É Milagre?

É Magia?

Não: é o arquiteto com seu traço!

## Taxidermia

Uma pomba voa... e não pensa  
E eu que penso... não posso voar  
Uma pomba voa... e não deseja  
E eu que desejo voar... não posso fazê-lo

Uma pomba é mais feliz do que todos os seres humanos:  
Pensantes, Éticos, Lúcidos, Eretos e... Não-Voadores  
Isso porque ela voa: sem saber, nem pensar...  
Sem querer, nem desejar

## Miopia

O otimismo é para os idiotas!  
Ou para os teimosos pregadores  
Que confundem no mesmo discurso  
Esperança e Resignação

Resistir não é aceitar!  
Resistir é saber criticar  
Ainda que em silêncio...

O otimismo não é resistência:  
É uma teima ditatorial e alienada  
Que não enxerga a Realidade no que ela tem de crucial:  
Sua Finitude!

## Outro Lado

E a Poesia valeu-se de mim para expressar seu lado Obscuro  
E eu, valendo-me dela,  
Manifesto o instante de Luz que me torna Vivente!

## Enfim...

O vil e infame poeta ainda é...

Sombra

Anseia, instantemente, ser o que é:

Luz...

Solidão emancipada

# Signo e Verdade

Ser

Interpretar

Viver

Imaginar

O fato

A leitura

O Sentido

A Rasura

Entender

Intuir

Parecer

Iludir

No Saber

Mergulhar

Na letra

Estancar

A certeza

De buscar

E querer

Comunicar

A Verdade

Encontrar

E poder

*Re-começar...*

II  
Acenos Hermenêuticos

---

## Paradoxo da Saudade

O “*sentir falta*” é a vaga sensação do “*estar sem*”:  
Aquilo que nos faz gosto ou a presença de alguém  
A saudade, entretanto, é uma paixão do vazio  
Que se manifesta silente feito um amor tardio

O “*sentir falta*” pode ser leve, passageiro...  
Logo se esvai e desaparece ligeiro  
A saudade, por sua vez, é densa: pesada...  
Quando nasce na gente não sobra nada!  
É medida pela estranha dor que desperta  
Machuca como um carinho que nos desconcerta

O “*sentir falta*” é sentimento breve: fragmentário  
A saudade é um assalto poético e totalitário...

E se o primeiro é desfeito rápido, em pouco tempo  
Para a segunda só o Fim do Mundo serve de alento!

## Estética da Tristeza

Lágrima doce, lágrima esperta  
Incerta e Muda, Tardia e Demente  
Que impede a ruína do sol e da lua  
E faz de quem chora uma pauta  
De ausências

Lágrima fria, seca e mortal  
Que rega as ausências e as nuas verdades  
Sobeja em nuvens, flores e mares  
E faz deste Mundo um cenário  
De estranhos

Lágrima estúpida, lágrima certa  
Leve sabor haurido nas trevas  
O louco poeta-profeta que chora  
Reluz indulgente teu brilho  
De Vida

Lágrima pura que emerge do Caos  
Ressurge eloqüente, serena e alada  
Um signo fértil: o Sim e o Não  
Real tradução de Tudo  
E do Nada!

## O que se foi...

Foi sem mesmo esperar  
Foi sem mesmo acreditar  
Foi sem mesmo querer  
Traduziu-se o Amor repentinamente em fel

Não sem tudo curar  
Não sem tudo realizar  
Não sem tudo expandir  
Aconteceu e tudo determinou!

Fez-se do sol uma esperança perdida  
Fez-se da paz uma luta inaudita  
E, um a um, esgotaram-se os momentos

Que nunca foram verdadeiros  
Que nunca foram desastrosos  
E que sempre foram eternos!

## Doce Ironia

Enquanto os heróis morrem na guerra  
Os covardes consolam as viúvas...  
E se os primeiros são os amantes da glória humana  
E têm o espírito vulgarmente nobre  
Os segundos, por sua vez, reajustam o ciclo divinal da Vida  
Ao exercerem o nobre ofício de ressuscitar o Amor  
Em corações relegados à fria solidão de alcovas incompletas

# Não-querer

Não te quero mais!  
Preciso não-te-querer

Mesmo que o meu querer se realize  
Não te posso querer... sempre

Indispensável é que eu não te queira  
Mesmo que o indispensável signifique morrer te querendo

Não, não te quero nunca mais  
Longe de mim...

## Convicção

Somente as Promessas que não podem ser cumpridas

Devem ser feitas...

Do contrário, morrem todas as Esperanças!

E apenas os amores irreais devem ser confessados

Para que eles possam nascer

De fato...

Os irrealizáveis, por sua vez, é que tornam o Mundo interessante

Apesar de inóspito!

## Eternidade

Eu quero sentir a textura das nuvens  
Ao passar a mão nos teus cabelos...  
Eu quero sentir o gosto da lua e das estrelas  
Na ponta da língua ao beijar tua nuca...

Eu quero sentir o calor do sol meridiano  
Todas as vezes que teus braços abertos  
Me disserem em silêncio: “*Vem!*”

Eu quero encontrar em cada gota da chuva, mansa e eterna,  
A invisibilidade sonhada de tua boca fresca...  
E a cada pulsar do Céu sentir a presença de teu cheiro  
Que expande latitudes e seduz longitudes  
E que se tocam na tecitura polissêmica de meu espírito  
Redivivo a cada balbucio insinuado de tua voz acolhedora  
E terna!

Sim, eu quero viver essa permanente significação cósmica  
Que você tem para mim

Eu te quero querer enquanto puder...  
E que eu possa poder o quanto quiser

Que o Desejo me nutra toda vez  
Que o sopro poético do Sim e do Não  
Insuflar em meus pulmões de outono a brisa literária das  
Trovas perdidas!

E que o teu nome se perpetue a cada soar mortuário das horas  
Que faz os dias e as noites...

Esteja você onde estiver... aí estarei eu  
Para ser o que a partitura da Liberdade, em notas e pausas  
Apesar de tudo  
Puder tocar

## Cosmovisão

O Mundo é complexo demais  
E a Vida é tão frágil...  
Revoluções vão se sucedendo na História  
Tentando instaurar o Paraíso para uns e o Inferno para outros  
Ou o contrário...

Malditas sejam as Utopias!  
Elas engendram o Caos  
Com um sorriso ilusório e pacífico no rosto

Acho que Fernando Pessoa tinha razão quando dizia  
Que se o coração pudesse pensar  
Pararia

## Bravo!

A última nota fora tocada  
E nenhum aplauso da platéia soou  
A execução, perfeita que fora,  
Não mereceu um gesto sequer de reconhecimento

E o maestro, ao olhar para trás,  
Viu estranhamente seus próprios músicos  
Assistindo-se a si mesmos  
E tocando o que eles próprios não ouviram  
Ou não puderam sentir em seu “allegro ma non troppo”  
[...]

*Silens Loquo!*

## Convergência

Não escrevo sobre deuses (eu acho)

Escrevo sobre homens (eu penso)

O que dá na mesma!

Ao final das contas, religiões ou psicotrópicos...

A sensação deve ser igual:

Experimentar a expansão transcendental e alucinógena da Vida

Que se traduz no Céu ou no Inferno

Em todo caso

Só conjugue verbos pronominais!

## Magnetismo

Adoro vê-los...  
Apontando para a lua  
Ou olhando para mim

Livres como um pássaro em pleno vôo  
Ou sustentados pela necessidade estética  
E anti-gravitacional...

Apesar disso, desejo-os sempre “raivosos”...  
Em delicioso confronto a contrapelo em meu plexo  
Gostaria de, cada vez mais, conhecê-los  
Porém, apenas *sei-os*

## Deseducar-se

A educação é um verniz social considerado necessário  
Para mascarar o que não se pode aceitar ou tolerar civicamente  
Educar é fazer o trajeto de Virgílio com Dante  
Até o encontro com Beatriz:  
Conduzir, acompanhar, bater um papo...  
Sem dicas inúteis ou conselhos pseudo-experientes

Por outro lado, educar-se é saber transgredir!

## O Alvissareiro Cheiro do Pão

O alvissareiro cheiro do pão  
Me refaz...  
Enquanto a brisa madrugadeira  
Me acalenta...  
É quase manhã!  
É um *quase-nascer-de-novo!*  
E dentro de mim a noite  
Ainda não passou...  
Mas, em meu coração já se instala  
A esperada bonança que a aurora promete  
Deus seja louvado!  
Pelo pão...  
Pela brisa...  
E pela sagrada insônia de todos os poetas!  
Que o aroma do pão seja sempre... alvissareiro  
E recorde a todos os homens que é apenas por ele que lutam!  
Ainda que a Fome seja mais do que fome...  
E ensine, também, a todos nós, os filhos da Terra  
Que as coisas mais importantes da Vida  
São simples...  
Como o frescor da Brisa  
O alimento da Arte  
E o alvissareiro cheiro do Pão

## Criptografia

E o Esperado derramou-se, enfim...

Em Realidade

A Esfera autônoma e diáfana do Absurdo envolveu-me

E derrubou-me

É tempo de contradição!

É tempo de rever as bases de nossa Estatura Moral-Estética

Pois, o Tempo Favorável esvaiu-se pela fenda aberta

Por um pássaro ferido

Que voou...

E não quer pousar novamente

## Amor prêt-à-porter

Eu a vejo...  
O desejo nasce espontâneo:  
Quero tê-la...  
De todas as formas!  
Devorar-lhe: degluti-la...  
Saborear cada instante de perversão  
Beatificado pelo Impulso Vital  
Que grita de minhas vísceras  
Que ela me faz o que sou: Tempestade!

Eu penetro em sua carne fria  
E profissional...  
O vulcão sou eu  
Ela é uma fria tarde de outono  
Que só espera as folhas caírem da árvore para ir embora  
Ela se faz assim... eu me desfaço também  
Devo esperar a Morte?

Ela se vai...  
Eu fico detido em meu corpo  
E em minha consciência opaca

Quem me dera não houvesse amanhã...

## Fidelidade

A Fidelidade é um *post-scriptum*

No manual de intenções práticas redigido pelo Desejo

E, o que vem escrito depois, vem para explicar

E, não poucas vezes, para justificar o que já fora vivido

Ou o que já se tenha feito livro!

Assim, um *post-scriptum* pode ser necessário

Mesmo que não seja obrigatório

## Marcando passo

Hoje não quero sorrir  
Hoje só quero viver  
Nem crise, nem ilusão  
Nem o lucro, nem a dor  
Apenas o tempo  
Como parceiro e inimigo

O dado caiu em meu favor!  
Mas, a sorte é cega e eu só quero esperar...  
Tudo agora arrefece  
No universo paralelo de meus devaneios

E eu sinto que sou apenas... *o-que-está-aí*  
E o que me move é uma espécie de desejo inalienável  
De amar a vida sem, porém, dar-me conta de um fato:  
Que o Mundo não me espera, mas me desafia e me rejeita  
Como um “vácuo ontológico”...

Que nada mais pode:  
Apenas deve...  
E teme!

## X da questão

Encaixa  
A queixa  
Da mecha  
Da gueixa

Do queixo  
Desleixo  
Me deixo  
Levar

Embaixo  
Do cacho  
Encaixo  
A queixa

Embaixo  
Me deixa  
Na mecha  
Ficar

Na mecha  
Da gueixa  
Me deixa  
Encaixar

Um beijo  
Desfecho  
Da queixa  
De amar

## Natureza Morta

É fácil ser “feliz”

Quando se é capaz de encontrar

O Sentido da Vida

Em uma xícara de café:

Desacompanhado pela Solidão

E permeado das inócuas e etéreas substâncias

Que compõem o Universo malfadado

Das pequenas esperanças...

E que também se podem descobrir

No desfilar comedido e meticuloso

Dos passantes que a mim se decompõem

Em linguagens cifradas

Na xícara de meu café idealizado

## Noosfera

Meu mundo não é só meu  
É de todos aqueles  
Que a ele resistem

Seu mundo não é seu mundo (somente)  
É de todos estes  
Que invadem sua privacidade  
Através da perspicaz e envolvente  
Superestrutura virtual e sedutora  
Da Noosfera

O Tempo distendeu-se em frágeis esperanças!  
O Espaço retraiu-se no ocaso da intimidade!  
Foi dado à luz o Homem-Pavor  
Gerado pelo impulso da fibra ótica  
E traduzido em desesperadas formas de busca:  
Afetiva, econômica, ideológica, existencial...

Bem-vindo ao lampejo do Não-Ser  
*Trans*-vestido de falsa identidade!

## O Poder dos Advérbios

*Minhas lembranças:*

Se eu não acabar com elas

Elas acabarão comigo

*Certamente...*

*Meus desejos:*

Se eu não os consumir

Eles me consumirão

*Diariamente...*

*Meus dilemas:*

Se eu não os deixar

Eles me fatigarão

*Continuamente...*

*Meus dramas:*

Se eu não os esquecer

Eles me tornarão uma sombra

*Fatalmente...*

*Meus amores:*

Se eu não os matar

Eles me matarão

*Eternamente...*

## Surrealizante

Acaba de bater em minha porta  
A Beleza declarada  
Em olhos de Mulher

O Encanto da Sublimidade convergiu para o Sentido  
E me abriu o Horizonte sem fim da Psicodelia  
Marcada pelo Élan Vital e Unificador  
De todos os dados, ditos e desmandos  
De uma Consciência Absurda  
E de um Senso Crítico Absorto

Sua Luz me cegou...  
E me fez Poeira diante da Complexidade Estética  
De um simples Sorriso

Tardio e...  
Inesquecível!

## Para saber de cor

Um homem feliz  
É um homem sem saudade...  
Àquele a quem o Mundo ouve com estranheza e sabor  
E não fica surdo à sua dor

A medida da Felicidade é o advento imediato de uma Presença  
Alheia à pujança dos pequenos desejos cotidianos  
E que se torna Definitiva no gozo de um devir... passageiro  
Amiúde, sem esperança...  
Pois a esperança é a outra face da saudade

Intuição efêmera e vadia essa vaga antropológica!

## Diuturno

Dia calmo, tranqüilo... e sinistro  
Dentro, em mim, o afago de um céu que chora  
Sobre o lábaro do afeto: o coração

Noite fria, distante, agradável...  
Meu paladar toca o fel  
Transformado em vinho doce pela solidão  
Sentimentos vagos e contraditórios  
Explodem em razões marginais  
Circunlóquios, perífrases, rodeio de palavras:  
E nada a sentir ou resolver

Tardia se fez a jornada do errante poeta  
Que no fim de suas horas  
Só soube esperar  
Um sorriso da Sorte...

## Vida na Estação

Última chamada! Coração dispara...

A hora do adeus é a hora dos arrependidos!

No olhar, uma promessa; quem sabe até um beijo na boca

A hora do adeus é a hora dos incompreendidos!

*“Cuide-se!” ... vá com Deus!” ... “me liga” ... “dê lembranças...”*

*“Manda um abraço” ... “até mais!”*

A hora do adeus é a hora da saudade!

A hora do adeus é o instante da maldade!

Última chamada! Tenho que ir...

Queria ficar... mas, não posso

Justo agora o segredo se faz verdade

De súbito, a ira se torna prece e os pecados são absolvidos

Na hora do adeus o silêncio é “suspensão”...

Na hora do adeus o amor se faz... saudade

## Embargo amoroso

As condições para o amor são... fortuitas  
Mas, suas conseqüências nefastas  
São frutos de um confronto desejado

Entre o amor e o ódio  
Situa-se a expectativa de um Deus-Verdade

Entre o querer e o desistir  
Pulsa a sôfrega e perplexa Existência Humana

## Para além do Mundo

Meu coração está pequeno...  
Pequeno do tamanho do Mundo  
Que se expande e se contrai como  
Meu coração

Em sístoles e diástoles a vida permanece...  
Oculta em meio às dores do fundo  
De uma alma dilacerada  
E contrita

Em supernovas e aporias matemáticas o Universo acontece...  
Revelado em meio aos sonhos  
De uma estrela morta e reluzente  
Chamada Humanidade

Ultrapassar as *fronteiras-de-sentido*  
Para além do que se possa tocar, ver... ou pensar  
É uma exigência!  
Não do universo:  
Mas, do meu coração  
Que se expande e se contrai  
Dizendo ao Mundo: “*estou aqui*”...  
Apesar de tudo!

## Estação-Esperança

Gente que vai...

Gente que vem...

Todos (ou ao menos alguns!) buscam sentido

Alguns (ou quem sabe todos!) procuram... sentir

Vaivém, corre-corre...

Última chamada!

É a vida, *viação-terra*, que acontece ao longe!

É a saudade, *coração-terra*, que se derrama em pranto!

Pena que o instante vá-se embora muito antes da memória

Pena que, quem vale a pena, vá-se embora muito antes

Da saudade...

Esperar: essa é a tônica na *vida-estação-palco!*

Onde todos buscam desfilar o *sentido-do-mundo*

Em cada bagagem, troco, gesto, olhar, beijo, lágrima...

E flerte!

## Intuitivo

Se a nuvem da chuva não vem  
E os anjos não dizem “Amém”  
A Vida não pode sorrir...

Se a brisa que toca seu rosto  
Desperta o estranho desgosto  
A lágrima pode cair...

Se a noite alimenta veloz  
Teu sonho inimigo e algoz  
O desejo parece iludir...

A esperança do mundo real  
Que ameaça o estado anormal  
Do normal que aparenta ruir...

A verdade que oculta inocente  
Teu senso de crítica ausente  
Pelo hábito em pleno devir...

E aceitar o risco da dúvida  
Infecta, passiva, estúpida  
Que faz chorar ou sorrir

É fazer, sem pensar, o caminho  
De quem traça, mesmo sozinho,  
A trama de seu existir...

## Do Medo à Esperança

Estando o Medo a pensar pediu à Inveja o lugar  
Esta, mais muda que surda, riu da proposta absurda

Ao colega, então, respondeu: “eu não sei a ninguém assustar...  
Nem o lugar que ocupo é meu, pois, de fato, só sei invejar”

O Medo, assim, desistiu... e foi-se ao Amor inquirir  
E este sequer consentiu... e a ele não quis nem ouvir!

O Medo a Deus se queixou: “muda esta minha aparência!”  
E Deus, então, transformou o Medo em Advertência

Esta também reclamou: “não era o que eu esperava”  
Porém, o Senhor replicou: “melhor assim do que estava!”

Ela, sem mais, insistiu: não queria ser Advertência!  
E de novo o Senhor consentiu em mudar esta nova aparência

Assim, atendeu seu pedido: de ser a irmã da Bonança  
Advertência, então, se tornou o clarão de uma nova Esperança

## O Poder de um Olhar Azul

Dos olhos a Luz mais Intensa  
Clareia sentidos ausentes  
E o mar da ilusão acalenta  
A verdade em azuis envolventes

Canta o sol a inveja que sente  
De teus olhos, espelhos do céu,  
E, triste, a lua, igualmente,  
De seu brilho faz gotas de fel

A sábia Minerva, ao contrário,  
Beleza mais rara se entende  
Mas, chora e também se arrepende

Pois, a Mística Luz de teus olhos  
Que Poder e Magia refletem  
Aos deuses também submetem

## Cena Perfeita

O Amor me deixa  
Viver a queixa  
De um Beijo-Protesto  
Na Boca do Mar

E a Vida me ensina  
Que a morte é a sina  
Do Sonho perdido  
Encontrado no olhar...

E o Céu-Horizonte  
Aniquila a Verdade  
De quem já não sabe  
A si mesmo inventar

E a loucura é a doce  
Esperança dos tolos  
E alegre sussurro  
No ouvido da dor

E o Caos é o futuro  
Guardado no fundo  
De um coração  
Sem Razão  
Sem Calor

## Shitless, Lifeless

Comer é preciso!  
Cagar é... necessário!

O primeiro verbo é bendito e vendido  
Em lanchonetes, restaurantes, shoppings e armazéns

O segundo verbo é maldito  
Escondido no interior de um submundo qualquer  
E, apenas e tão somente, percebido em igrejas, restaurantes,  
Shoppings e... postos de gasolina!

“Estou com fome!” – escuta-se por aí...  
“Preciso cagar!” – pensa-se... apenas

Para o primeiro é preciso pagar  
Para o segundo basta “ajeitar-se”  
Empanturra-se!  
Enfeza-se!  
Eis a existência humana reduzida ao “crítico ato!”

Porém, que o polêmico ponto de vista não assuste  
Apenas lance novas luzes à dialética e famigerada  
Experiência fundante de “se fazer” e se “desfazer”  
Na própria história

Shitless  
Lifeless!  
“That’s the question!”

## O Ocaso do Ser

Chamado a existir:

A viver *circun-stâncias...*

Tenho a súbita impressão de ausência

Quando me percebo imerso

Na fragilidade real de uma impossível tradução

Da Vida...

O sonho de Ser

De viver para sempre

Infundado e suspeito

Para quem quer voar:

Voar para longe

Desta terra de exílio!

Encontrar o propósito do Nada

No sorriso de Deus

No colo da Mãe

Na brisa que nasce

Na morte que chega

Enfim, procurar!

Buscar a Inútil Verdade

Que se mostra ilegível

Nos traços do mundo

Enfim, esperar!

De todas as incumbências

Que recebemos da História

A mais difícil é a de, *simplesmente*,

Viver...

## Poemeto

Que amor! Que nada!  
A saudade é pesada demais para um coração aflito  
Ah! Se ao menos Eros fosse piedoso e desse-me a cura  
Depois de matar-me!

Sim, amar é morrer:  
De paixão, saudade, desejo, alegria...  
Enfim,  
De tanto amar!

## Índole Poética

Poesia não é sentimento!

Poesia é *sentamento*:

É sentar juntos, lado a lado, pensamento e linguagem

É sentar juntos, lado a lado, experiência e reflexão

É sentar juntos, lado a lado, som e imagem

Poesia não é sentimento!

Poesia é signo... e talento!

É significar o eterno momento

É captar a Realidade com lente de aumento

Poesia não é sentimento!

Poesia é, simplesmente, Criação

É singela e eternamente o “Faça-se” ecoando...

É comungar a Vida e expressar o Amor

É traduzir o Mundo ou morrer buscando

## Soteriologia

Não me importa a rima  
Somente a poesia...  
Não me importa a métrica  
Apenas a música...  
Não me importa o rigor  
Somente a expressão...  
Não me importa a coerência  
Apenas a lua...

*(E somente o canto das Musas  
Pôde embalar a pena dos loucos  
Quando o céu se abriu... em letras  
Então, toda fonética fez-se vida:  
Étimo-bálsamo e soteria)*

Eu me fiz desigual  
Ao cuspir no rosto da Senhora Esperança  
Abraçando a decadência  
De um poema-quimera

Não me importa a rima, o rigor ou o tempo  
Somente a coerente expressão da poesia  
Que toca o céu e alimenta o que sou

## Gramática

As interjeições aliviam!

E os verbos se pretendem os tradutores do Real...

Enquanto os adjetivos qualificarão a Morte

Os advérbios a intensificarão... *talvez*

Meus pronomes já não me substituem

E as conjunções não mais me conectam a nada...

Quando as pronúncias todas cessarem

E o silêncio explodir sua eloqüência definitiva

Virá o momento da substantiva Epifania do Mistério

Que a todos nos torna...

Linguagem

## Mísero Verbo

Sou um leitor de uma língua só

Pobre leitor...

Leitor decidido

Então, necessário

E, inversamente, contrário

Leitor passageiro

E retardatário....

*(Mendigo do Tempo*

*Da história o alento*

*A Sorte levou)*

Leitor de momento...

Impeço o espaço

De ser a fronteira

Da língua inteira

Parteira do traço

De um pensamento...

Espaço-Fronteira

Leitor-Fragmento

*(Mendigo do Tempo*

*Da história o alento*

*A Sorte levou)*

## Entre a Língua e o Ser

Nem verbo,  
Nem pronome...  
Apenas uma interjeição que expresse e apresse  
O susto e a cena  
A sina e a sanha  
O gosto e a glosa  
Do mito, do ser e da parafrenia

Adjetivos e medos  
Grafias e mundos  
Nem um mísero ponto final pode estancar o sangue azul  
De uma gramática seca...  
Que jorra abundante em meio ao deserto  
De signos mortos

Quero mais que palavras...  
Quero menos que sonhos  
Apenas o Evento da Vida  
Pulsando no Tempo de um silêncio poético  
E de um grito prosaico

## Metalinguagem Canônica

Se for canônico é legal!  
Se for vinho é... *canônico!*  
É-se importante que se beba  
Sem se consumir!

“Vi” “Nhô” ... “Cão” “Nanico”  
Ele não me viu  
Mas, me desceu...  
“*Cão nanico é cão pequeno*  
*Mas, faz estrago!*” – Disse-me “Nhô” Vi

“*Vinho, porém, quando é canônico,*  
*Faz bem!*” – Disse-lhe eu

Então, eclesial leitor, deixemos assim:  
Que se vá o “Cão nanico”, pequeno  
E venha o Canônico pra cá...  
Que “Nhô” Vi vá-se embora já... (é tarde!)  
E surja o Vinho: rosado, licoroso e ameno

## Vácuo Gramatical

Pensei um verbo lógico  
Ao menos uma “linha genial”... desejei  
Que perpetuasse meu nome e minha pena  
E nada...

Consegui, apenas, um “murmúrio minimalista”  
Que me fez olhar no Espelho do Real  
Para me consolar com a Mediocridade...

Abram alas ao poema-esterco!  
Que sequer consegue ser...  
Previsível!  
Do Nada nasceu e pra ele retorna  
Sem rima, sem brilho, sem força...  
Sem Nada

## Retórica da Ausência

Estar ausente  
É sentir presente  
A espera recente  
De quem já não vem

Ficar na saudade  
É gravar a maldade  
No peito que invade  
A dor de ninguém

Solidão inexistente  
No Amor que insiste  
E ao Tempo resiste  
Em estar sempre além...

Assim, vem a hora  
E vem sem demora  
Fazer do Agora  
O Instante do sim

Que faz da poesia  
A densa Magia  
E rara Alegria  
Escrita, por fim

## Eterno Retorno

A Palavra desafia o silêncio  
O Silêncio desafia a consciência  
A Consciência desafia o sonho  
    O Sonho desafia o ego  
        O Ego desafia o tu  
            O Tu desafia a relação  
A Relação desafia a amizade  
A Amizade desafia o amor  
    O Amor desafia o nada  
O Nada desafia a verdade  
    A Verdade desafia o ser  
        O Ser desafia o tudo  
O Tudo desafia o mundo  
    O Mundo desafia a paz  
        A Paz desafia o tempo  
O Tempo desafia a coerência  
A Coerência desafia a lógica  
A Lógica desafia a linguagem  
A Linguagem desafia a palavra  
E a Palavra desafia o Silêncio...

## **In dubio pro reo (?)**

Falar é um risco...

É mais seguro conter as palavras

(especialmente quando delas não somos íntimos)...

Pois, na contramão do que se diz, calar não é consentir!

Calar é, simplesmente, esperar...

Esperar o nascimento de um Verbo Pleno

Que diga tudo e não seja equivocado

Sim, calar é esperar o Infinito chegar!

Falar é um risco...

E risco desmedido!

Pois, quem me garante que minhas palavras

Não se tornarão promessas que jamais poderei cumprir?

Falar? Ah, falar é uma temeridade incomensurável!

Calar, sim, é prudência!

Saber não é poder!

Poder é saber... calar!

Afinal, o Silêncio é o “lado escuro” do Verbo!

Aonde tudo brilha ...

Inclusive a Ignorância

## Pobre rima...

Embora  
Não seja agora  
A hora de ir embora

Quero, no entanto  
Deixar meu canto  
Lúdico e santo

Cravado no peito  
Grafado sem jeito  
E não satisfeito...

Do amor realizado  
No sim proclamado  
De um fado cantado  
E sublimizado

Então saberei  
Que nunca encontrei  
O que não procurei  
!

## O que não se pode amar

Amo a tudo e a todos!  
Amor tecido em tramas e tempos  
Amor calado em rimas e prosas  
Amor ausente em pingos e letras  
Em noites frias e silenciosas...

Amo a tudo e a todos!  
A liberdade do instante vadio  
A concretude do medo vazio  
Amor passado a limpo e sem verso  
Amordaçado em um “não” submerso

Amo a tudo e a todos...  
Sem, no entanto, querer amá-los!

## Delírio sobre a Velha Ortografia

A lingüiça, sem o seu trema, perde não só o sabor da pronúncia...  
Perde também a queda fonética que ela exige...  
E que dá água na boca!

Como a contração da glote no “*güi*” nos permite  
A ilusão de um beijo falso  
Insinuado pelos lábios unidos em uma mimética  
Sensualidade sem libido

Ademais, um “vô” sem o circunflexo é um *não-subir* aos céus...  
Uma vez que o “vértice” do acento insinua o elevar-se  
Para uma aventura em outros domínios  
(Talvez mais amplos, expansivos e anti-entediante!)

Assim também uma “idéia” *des-acentuada* não tem força...  
Pois nada *re-flete* ou “assenta”: é mera imagem mental  
Sem real conexão com aquilo que deveria enfatizar política  
Ou esteticamente...

Uma ortografia unificada é a expressão de uma  
Dominação silenciosa: é a falta de uma sensibilidade cívica,  
(Plural, construtiva, tolerante... e poética!)

Em suma: um manifesto e inequívoco desrespeito às diferenças!  
E não uma necessidade entranhada em nossa *pseudo-mono-ancestralidade-lusitana*

## Arquétipo Matricial

Dos súditos sois a Rainha  
Os servos te chamam Senhora  
Dos Filhos, porém, és a “Mãe”  
Calor que desponta na Aurora...

Teu olhar me consola e me aquece  
Faz-me ver no horizonte o Amor  
Tua Fé não se esvai, nem perece  
E me leva aos pés do Senhor...

Minha Mãe, minha Inspiração  
Nossa súplica vem do profundo  
Que sejas a nós um Auxílio,  
Esperança e Refúgio do Mundo!

Em teu seio desejo abrigar  
Minha vida que espera algum dia  
Em teus braços pra sempre ficar  
E sentir teu carinho, ó Maria!

## Epílogo

Meu cérebro está me traindo...  
De conluio com meu coração pensa coisas  
Que minhas vísceras não sentem  
Ou, talvez, não queiram admitir  
Que sintam!

O que *sobre-vir* amanhã  
É questão que os “*depois-de-amanhã*” tentarão resolver  
Basta-me o Hoje!  
Pesa-me o Presente!

Uma vez que minha consciência aventura-se  
Em pular o muro da Realidade  
Para fugir ao Deserto dos Sonhos  
(Palco da Incerteza e do Medo)  
Escuto as vozes desarticuladoras do Anonimato  
Cantando a Morte

Sim: apenas os loucos suportam a Felicidade Insípida  
Que o Tempo desbota!

E não há Redenção para os poetas  
A não ser que o Amor os desperte  
Para o Crepúsculo da Verdade

## Primeira Clave

Quem sabe um dia...  
Quando eu conseguir ler a Partitura da Vida  
Eu compreenda que os dias  
São como notas musicais!

E cada dia vivido  
Será como uma nota tocada em qualquer instrumento  
Pois, não importa qual seja esse instrumento:  
O importante é não *desafinar*!

## Somente às vezes...

Às vezes penso  
O que sinto a toda hora  
Às vezes sinto  
O que quase nunca penso

Uma corda ou uma bala resolveriam todo esse desacerto  
Nem mais pensamentos...  
Nem mais sensações...  
Apenas a vida dos outros  
Fazendo o Mundo no silêncio de minha  
Eterna Alegria

## A Face indesejada da Liberdade

Não há traidores!

Apenas os que se dizem “traídos”...

Pois os primeiros descobrem a Liberdade

Como uma alternativa no meio do caminho da Coerência

E, os segundos, acreditam que a Coerência

É a *conditio sine qua non* para que a Fidelidade perpetue

O Amor ou as Utopias...

Os que a descobrem... encontram-se

Os que se acreditam responsáveis... ocultam-se atrás de nuvens

Traia como quem se revela: livre!

Seja o limite de tua própria escolha peregrina!

## Exortação Temporã

Não me leia: engula-me

A seco...

Não me entenda: escute-me

Sem medo...

Não me leve em conta: cale-se

A si mesmo...

Lance um grito iconoclasta

E ouse pular no Abismo:

A seco, sem medo, em si mesmo!

## Ainda um Futuro?

Ao Final de Tudo restará, tão somente, talvez,  
O início eterno de um Tempo Definitivo  
Onde um Meta-Humanismo emerge convicto de suas incertezas  
E multiverso em suas condições de possibilidade  
De se refletir no espelho fragmentado da Surrealidade Anônima  
Que abriga o Não-Ser

E que, paradoxalmente,  
Constitui o Real em sua luminosa e permanente obscuridade

## O Autor

Anderson Fasano: nascido em Sorocaba/SP; Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Pós-Graduado em Sociologia e Ensino de Sociologia pelo “Centro Universitário Claretiano” de Batatais/SP; Licenciado em Filosofia pela Universidade de Sorocaba/SP; Bacharel em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP); Graduado em Língua Francesa pela Wizard Idiomas – Sorocaba/SP com curso de aperfeiçoamento para o ensino de Francês pela Aliança Francesa – São Paulo; Compõe o Corpo Docente da Universidade de Sorocaba/SP, atuando junto ao Departamento de Filosofia.